

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

MANIFESTAÇÃO DO HUMANO EM LABIRÍNTICA TRAVESSIA PELA MEMÓRIA EM “POEMAS ESCOLHIDOS”, DE MIA COUTO

MANIFESTATION OF THE HUMAN IN LABYRINTHINE CROSSING CROSSING THROUGH MEMORY IN “POEMAS ESCOLHIDOS”, OF MIA COUTO

Karla Alessandra Nobre Lucas Santana¹
Antônio Máximo Ferraz²

Resumo: A antologia *Poemas Escolhidos* (2016), do escritor moçambicano Antônio Emílio Leite Couto, Mia Couto, reúne textos publicados em um intervalo de pelo menos 25 anos, o que inclui um recorte de "Raiz de orvalho e outros poemas" (1983), obra inaugural do autor. A tematização do tempo aciona um complexo de reflexões de caráter memorialístico e se desdobra na interioridade de um *eu* podendo ainda ser vertida para um *nós*. O presente estudo, propõe uma interpretação desse compilado poético em diálogo com o processo de reflexividade do Ser delineado no recuo ao passado. Pensar os poemas que compuseram obras impressas em diferentes momentos nos insere, ainda, no reconhecimento de caminhos e descaminhos da linguagem poética coutiana, com base em uma perspectiva transversal da poesia, que é essencialmente alimentada tanto pela fluidez quanto pela maleabilidade.

Palavras-chave: “Poemas Escolhidos”. Manifestação do Humano. Memória. Mia Couto.

Abstract: The anthology *Poems Chosen* (2016), by the Mozambican writer Antônio Emílio Leite Couto, Mia Couto, brings together texts published over a period of at least 25 years, which includes an excerpt from "Raiz de de orvalho e other poems" (1983), a work author's inaugural. The thematization of time triggers a complex of reflections of a memorialistic nature and unfolds in the interiority of an I and can also be translated into a we. The present study proposes an interpretation of this poetic compilation in dialogue with the process of reflexivity of Being outlined in the retreat to the past. Thinking about the poems that made up printed works at different times also inserts us into recognizing the paths and detours of the Coutian poetic language, based on a transversal perspective of poetry, which is essentially fed by both fluidity and malleability.

Keywords: “Selected Poems”. Manifestation of the Human. Memory. Mia Couto.

“Nós sentimos de modo semelhante aquilo que não pode ser dito em língua nenhuma: o peso do Tempo, o sentido da existência, uma certa ideia de eternidade. O vazio do nada é algo que, em

¹ Licenciada em Letras. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Email: sandryluc@gmail.com

² Professor Doutor da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Doutor em Teoria Literária pela UFRJ. Coordenador do Núcleo Interdisciplinar Kairós – Estudos de Poética e Filosofia (NIK/UFPA). Email: maximoferraz@gmail.com

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

português, se preenche do mesmo modo em qualquer indolente muro de Belo Horizonte ou de Maputo. É nesse muro que nos sentamos para nos dedicarmos a esse desporto que, na nossa família linguística, é mais popular que o futebol: a saudade do que aconteceu, a lamentação do que podia ter acontecido e o lançar de culpas sobre o que não chegou a suceder”.

(Mia Couto)

1 Introdução

A produção literária do escritor moçambicano Antônio Emílio Leite Couto (Mia Couto) é vasta, inventiva, espontânea. Desvela-se na experimentação de peculiaridades e potencialidades da linguagem. Leitor prolífico, o poeta preserva em seu repertório de leitura uma rede de textos artísticos, entre os quais figura o assumido diálogo com a poética do angolano Luandino Vieira que, por sua vez, o conduziu à descoberta de João Guimarães Rosa.

Suas predisposições artísticas não se limitam às particularidades de uma região, antes, desconstroem e ressignificam o horizonte de expectativas, reelaboram a ideia de temporalidade, valorizam a introspecção, examinam a condição humana em seu entrelaçamento de conflitos fortalecendo a discussão sobre alteridade. O viés sociocultural, imbricado à arquitetura tanto de sua prosa poética quanto de seus versos, não é passível de análise, tampouco pode ser concebido com base em pressupostos teóricos-objetivos. Literatura, história, memória, política, cultura, sociedade, são experiências caras para o autor e para o leitor que é levado a pensar o literário na perspectiva da abertura de possibilidades para o realizar-se humano.

Nesse sentido, Micheletti afirma:

Couto, portanto, engaja eticamente via estética. Ao surpreender pela desautomatização da linguagem, com neologismos, inversões, reinvenção de provérbios e jargões, e com as metáforas e situações insólitas, rompe com o horizonte de expectativas, gerando, ao mesmo tempo, prazer de ler e necessidade de uma atenção maior na leitura (MICHELETTI, 2018, p. 86).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Para a antologia *Poemas Escolhidos* (2016), a qual José Castello apresenta como reflexiva e filosófica, foram reunidos textos publicados nos livros "Raiz de orvalho e outros poemas" (1983), obra inaugural do autor, "Idades cidades divindades" (2007) e "Tradutor de chuvas" (2011).

Em entrevista, Couto declara: "E eu sou da poesia e, no início, pensava que havia fronteiras a respeitar entre a prosa e a linguagem poética" (MESQUITA, 2019). Aventuramo-nos, pois, na circularidade da linguagem, de que nos fala em Couto (2009) quando a poesia atua como provocação à pretensa linearidade da escrita em prosa, como vemos em "Carta":

Tenho demasiado sono para alimentar crenças. Das casas vou preferindo os cantos interiores, obsessivas sombras em que vou julgando. Se me acerco das janelas é apenas para ver o longe, as ténues linhas do azul inatingível. As portas, fechadas ou abertas, pouco valem. Desfaleceram com o desencanto dos caminhos. Vou ficando pela distração de desejos mansos, sem guardar réstia de glória nem consolo, assim, dou feriado à minha existência.

Sofro a fadiga das viagens que nunca ousei. Mas não me dedico nenhum desalento. Porque mantenho dos índios o preceito de envolver com panos os cascos dos cavalos guerreiros. Assim protejo a gravidez da terra. Fica a esperança: outros farão vencer as nossas pequenas razões. Saberemos então do seu tamanho, da sua pressa de ser cedo.

De tanto pensarmos fomos ficando sós. De amarmos venceremos o cerco dessa solidão. Que este cansaço sirva, ao menos, para não culparmos nada nem ninguém (COUTO, 2016, p. 98).

Em sua poética a presença marcante da linguagem não é sucessão, não é ordenação, não é automatização, não pode ser vertida apenas em abstração comunicativa. Linguagem é sentir, é o aspecto criativo, a dimensão imaginária do sentente. Antes de propor uma relação oposicionista entre verso e prosa, a linguagem sustenta a perspectiva transversal da poesia ou, nos termos de Ricarte (2016, p. 54), se amplia, a partir da fluidez e maleabilidade notabilizadas em sua essência.

No poema-carta ou carta-poema transcrito há evocação da sabedoria popular, verdadeira preservação de uma cultura ancestral, em ditos e provérbios que pensam o alcance do velar e desvelar da prosa e da poesia: "De tanto pensarmos fomos ficando sós". O processo de reflexividade do Ser é

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

delineado no recuo ao passado. Aponta para a resignificação do *porvir*, lançando-se no presente, quando opera como (re)experimentação do tempo ido.

Sendo assim, o disforme, o inacabado, o impreciso, o inaudito, a não-resposta, o não-lugar, se distendem em um mover extático do ser vigorando no tempo como doação às questões. A interioridade do *eu* pode ser vertida para o *nós*: “Das casas vou preferindo os cantos interiores, obsessivas sombras em que vou julgando”, “Se me acerco das janelas é apenas para ver o longe, as ténues linhas do azul inatingível”. A interpenetração do passado no presente avança, abre-se, está lançada no veio reflexivo de um atravessar atravessando-se ao que se destina.

Para Castro (2015, p. 26) o Ser não tem memória, o Ser é na dimensão da memória, abre-se, portanto, ao tempo poético em que se está sempre principiando e projetando ao acontecer da realidade, desdobrando componentes fundamentais como a rememoração, a identidade, o amor. É nesse manifestar contínuo de possibilidades que emerge a “semente”, que oportunamente não representa a vida, mas dá origem a ela. Do plantio da semente é que se forma e eclode o ser sendo, lembrando e esquecendo, como ressoam os versos de *Sementeira*: “Era a vida que ele, nele, desconhecia” (COUTO, 2016, p. 135).

2 Desenvolvimento

Palavra e Não-palavra

Nos versos de (*Escre*)*ver-me* a questão da multiplicidade de posições do poeta emerge como possibilidade de ser “tradutor de silêncios”. A palavra é inevitável, é evocativa: provoca a vigência e invoca a ausência, como pensa Heidegger (2003, p. 15-16). A palavra é, pois, penosa tentativa de fazer eclodir todo um repertório de experiências enraizadas:

O poeta

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

O poeta não gosta de palavras:
escreve para se ver livre delas.

A palavra
torna o poeta
pequeno e sem invenção.

Quando,
sobre o abismo da morte,
o poeta escreve *terra*,
na palavra ele se apaga
e suja a página de areia.

Quando escreve *sangue*
o poeta sangra
e a única veia que lhe dói
é aquela que ele não sente.

Com raiva,
o poeta inicia a escrita
como um rio desflorando o chão.
Cada palavra é um vidro que se corta.

O poeta não quer escrever.
Apenas ser escrito.

Escrever, talvez,
apenas enquanto dorme.
(*Ibidem*, p. 64)

Note-se, porém, que o agir do poeta não implica deleite, tampouco aparece envolto em área de contemplação e mistério. Penoso é o caminho das escolhas e realizações do humano a percorrer-se. A natureza de sua poesia não beira o sagrado, não torna inacessível a experiência da busca. A poesia move o incerto na circularidade das interpretações.

Em “A condenação” o sentido do fazer poético é retomado quando o “escre/ver”, ou *escrever* para se *ver*, é o que move sua angústia: “O poeta não quer escrever. / Apenas ser escrito.” A poesia

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

leva o poeta à exaustão, mas também a um regresso a si mesmo, à condenação de alcançar a liberdade pela poesia. A consequência é menos dolorosa que o processo, como reiterado em *(Escre)ver-me*.

É difícil escrever quando o ato impõe um *ver* que é também desnudar-se. Acolhendo o passado no reconhecimento de fragilidades presentes, a fixação pela morte da poesia (lançada, afogada, dissolvida em um rio) é fantasia, é poder de criação. Tinta, letra, papel, cadernos, podem se dissolver; a imaginação não. É a poesia que cria, que instiga, que ressignifica, que evoca e reveste o *ver* para tocar o outro; não o poeta.

O emprego de vocábulos como *raiva, desespero, morte* — nos poemas supracitados — reflete essa luta interior, culmina em tomada de consciência e, finalmente, em alteridade no reconhecimento de si e das memórias de si, do outro, dos outros em si e mesmo no reconhecimento do que há de si no outro, dos outros no outro.

É, portanto, vital que haja caos e fragmentação para que a dimensão do humano vigore dialeticamente no acontecer do Ser. Nos dizeres de Sontag (1987, p. 16) a interpretação prescritiva, reduzida a regras sobre como domar o conteúdo, é empobrecida, pois tenta tornar a arte maleável, dócil; quando um de seus mais destacados traços é a inquietação e desordem que incita.

Desse modo, a consumação poética, isto é, o sumo desenvolvimento da essência do agir, aqui concebido não como produção de um efeito, mas como condução da (coisa) ao sumo, à plenitude de sua essência, é também pensada como dor. Admite o “erro”, confere acessibilidade à interpretação, estimula a inventividade e impulsiona a manifestação das idiosincrasias humanas, conforme verificado nos versos de “Errar”, poema de curta extensão que concebe o erro como assertivo em seus efeitos, ainda que a abertura a errar o caminho potencialize as chances de censura extrínseca de um eu e sou que não está fora, está dentro: “Reprenderam, riscaram, descontaram” (*Ibidem*, p. 32).

A tomada de consciência

A experiência da dor não se limita ao corpo ou às partes do corpo. Componentes fundamentais da existência, o medo e a dor não cabem, em sua amplitude, em imposições conceituais. O alcance

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

do medo se dá na dor que sangra e não sente e se realiza na consciência de ser finitude lançada no infinito. A dor é parte constituinte da realização do corpo, da produção escrita, e elemento propulsor da tomada de consciência.

Para o poeta, antes de saber é preciso adoecer. A escrita é busca pelo esclarecimento, é doloroso processo que implica “escrever” e “ver”:

A luz da dor

O meu modo de saber é adoecendo.

A uns, a ideia surge em luz.
A mim, se declara
uma pontada no peito.

O advento da dor,
o deflagrar da súbita febre
e eu sei que o meu corpo sabe.

Um dia destes
me desconhecerei vivo
desfalecido de aguda sapiência.

Até lá
repartirei com um anjo
o doce milagre da refeição.
(*Ibidem*, p. 20)

O *saber* reflete uma dor de existir constante sintetizada no adoecimento. A luta pela palavra culmina em tomada de consciência que, como vimos, é tanto libertação quanto fardo, como aponta o verso de “A espera”: “a luz chega apenas pela noite” (*Ibidem*, p. 61).

A ideia de que não há luz senão pela noite parte do princípio de que só conseguimos distinguir o claro do escuro pelo ciclo que se ampara na movimentação dos extremos. Em algum momento, esse contraste deixa de ser visível e parece se fundir. (Inter)ligando-se torna imperceptíveis seus limites.

Em “A luz da dor” não há contraponto entre claro e escuro. O *existir* se dá é no entremeio, no *entrelugar*, na irreversível síntese. Dito de outra forma, é complexa e extensa dor de adoecer em

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

conciliação com o não-retorno ao que se imaginava ser antagônico. O homem não faz as questões, não é luz, não é o princípio, não é cerne de tudo; é, antes, lugar onde a noite se manifesta e se expande em luz e a luz em escuridão.

A imagem da luz do pensamento, da consciência, não apresenta contornos simbólicos de esplendor e alinhamento, tampouco pode ser alcançada em circunstâncias menos adversas. Figurações sombrias de dor integram um elemento a outro: a doença precede o saber e a sapiência dá acesso à identidade pautada na interação entre o eu e o outro, mas também o faz definir, enquanto permanência da dor e da solidão incorporadas ao cotidiano de suas reflexões.

Na composição do já referido “Carta”, a confissão: “De tanto pensarmos fomos ficando sós” (*Ibidem*, p. 98) nos remete ao lamento de ter como único ser com o qual se pode repartir o doce milagre da refeição, um anjo. A escrita o torna cativo, tortura-o, e ao mesmo tempo preserva o sentido que busca para a sua existência. Acima de tudo, ela o liberta da indigência de ser só.

O corpo adoce, clama para que a *semente* cultivada pela tomada de consciência não adormeça em esquecimento. A ação de repartir a dor alcança a dimensão da identidade, da necessidade quando se desdobra na liberdade de preferir o cativo e dissolver-se no registro desse processo.

O reencontro

A memória evoca, convoca *marcas* de uma *lonjura* na operação do fluxo de representações individuais e coletivas tecidas que podem ser acionadas, orientadas e reorientadas pela linguagem. Em *Retorno*, o poeta vincula o lembrar ao reencontro que só é possível quando se volta “a percorrer o inverso dos caminhos” (*Ibidem*, p. 74). A este propósito, aspectos que reforçam o diálogo entre memória, esquecimento e invenção são essenciais à leitura dos poemas de Couto, como se pode observar em “Sazonais eternidades”:

Sazonais eternidades

Abres-me, janela,
e antigas memórias
me salpicam o rosto,

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

chuvas ainda por desabar.

Escancaradas portadas,
devolvem-me o corpo,
esse mesmo corpo
que, para febre e desejo,
em outro corpo acendi.

Abres-me, saudade
e o tempo se descalça
para atravessar
incandescentes brasas.
E quando,
de novo, me encerras,
volto a dormir
como dormem os rios
em véspera de serem água.

A saudade
é o que ficou
do que nunca fomos.
(*Ibidem*, p. 130)

Do latim *satio* a palavra “sazonal” é uma derivação de *semeiar*. Combinada com “eternidades” poderia propor uma marcação cíclica, circunscrita em transcendente alcance do tempo. A sazonalidade dos eventos que movem o poema não aponta para um momento específico, não é elemento de progressão cronológica, mas acentua os fios transversais da memória que o poeta tenta desvelar.

A manifestação do humano é regida pela sazonalidade, pela duração do cuidar, pelo cultivar, tornando-se e mantendo-se continuamente envolvido em máxima afetividade para, então, colher. Cultivar, isto é, lavrar a terra produzindo seus frutos, deixa ver o agir do humano, seu trabalhar (*laborare*) criativo ante o desconhecido.

É, pois, criação, interpretação que busca a essência do habitar (*habere*), do haver lugar, do existir próprio. Essa travessia, orientada pela espera, pela transformação, pela imaginação, evidencia a circularidade da busca pela não-resposta, pelo desconhecido. A colheita (*cumlegere*) se alinha ao

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

mistério, à admiração, à expectativa pelo novo, a “possibilidade de conhecer, mas nunca apreender o que não pode ser conhecido” (CASTRO, 1982, p. 30).

A evocação da memória é em tão alto grau seletiva que em “Lembrança” o poeta revela: “Só quero lembrar / se o tempo for todo meu”. Não se pode alcançar o todo, integrar tudo no tempo. A escolha entre lembrar e esquecer é invenção, criação poética que não dá acesso ao passado em sua integralidade, mas permite que espaços vazios de um tempo vivido sejam imaginados. O que não pode ser desvelado, então, é rememorado como vontade de desvelar.

A acentuada introversão, recorrente nessa antologia, dá lugar às *antigas memórias* em expansiva revelação: a dor que a tomada de consciência impõe é cortante, mas para que seja restituída a vida é preciso que antes lhe sobrevenha a morte, ou um prenúncio dela, como ressalta o já citado “A luz da dor”: “me desconhecerei vivo / desfalecido” (*Ibidem*, p. 20).

Micheletti (2018, p. 86) observa na literatura de Couto marcas de uma dualidade entre desencanto e esperança e, segundo esse panorama, a mais destacada característica da memória coutiana é a reafirmação do movimento da morte como anúncio da vida, uma outra vida, devolvida ao corpo após dramática tomada de consciência.

Reconhecido símbolo de contemplação, a janela realça a homologia entre olhar para fora e para dentro de si. Em *(Escre)ver-me*, a vida tatua janelas nos olhos do poeta; em *Carta*, elas atingem o “longe”; em *A casa*, o *Eu* se converte em “sonholenta janela”; em *Janelas*, a paisagem que contempla é a imagem de si.

A abertura ao outro dá acesso a memórias, à saudade, em sua profundidade. Em “Sazonais eternidades”, é o firme apego ao passado que se lança como convite à imortalidade da invenção, logo, recusa-se a ser superado. Não há saudade de um tempo anterior à consciência da vida, pois este é também tempo que antecede à consciência de amar, de sentir inteiramente. A saudade é, por isso, resistência ao esquecimento de um tempo poético e garantia de que os recortes da imaginação sejam devidamente conservados, reexperimentados e expandidos.

3 Considerações finais

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

A proposição de uma interpretação dos textos que compõem a antologia *Poemas Escolhidos* (2016), de Mia Couto, com maior realce aos poemas “Carta”, “O poeta”, “A luz da dor” e “Sazonais eternidades” — sendo o primeiro inicialmente publicado em “Raiz de orvalho e outros poemas” (1983), o segundo e o terceiro em “Idades cidades divindades” (2007) e o último em “Tradutor de chuvas” (2011) — se ampara no desenvolvimento de questões como a reflexividade do Ser, a tomada de consciência, o caráter memorialístico, o movimento extático do tempo que, no eixo da *durée* bergsoniana, gera a interpenetração do passado em um presente que avança na medida que o Ser se detém na recordação do que, para ele, qualitativamente se constitui como indivisível e substancial.

Para que sejam traduzidas questões essencialmente humanas, é vital a captura de um tempo que flutue. A palavra forja, a duras penas, a expressão do eu e a abertura ao outro. A luta para que cumpra seu destino poético é declarada no mover da fala — “Ninguém sabe falar a quem ama” (*Ibidem*, p. 139) —, no mover da escrita — “quero escrever-me de homens” (*Ibidem*, p. 95) —, no mover da rememoração — “Em alguma ave fui vida” (*Ibidem*, p. 52). O sofrimento não o faz desencantar. Consume o fôlego corpóreo, a matéria. Tenta dissipar o sensível, mas acaba ensinando a espera.

Pensamos que dialogar com a poética de Couto é, antes de tudo, uma imersão à natureza ética de sua arte. A reinvenção da linguagem comunica que mais necessário ainda é reinventar o *sentir* frente à abordagem temática que humaniza o tempo, a memória, no entrelaçamento de emoções, mesmo as mais silenciosas e outrora adormecidas, da fala (individual) e (coletiva) que salta os versos.

Em *Poemas Escolhidos* foram reunidos elementos de ordem literária de elevada reflexividade filosófica que auxiliam na composição de um gigantesco painel que excede a representação das terras e do povo de Moçambique, ao assumir compromisso com a dimensão do humano.

A cadeia de conflitos que permeia a relação do *eu* com o lembrar de si e do *outro* e suas implicações no tocante a (in)adequação às expectativas sociais, justifica a atuação desajustada do humano — “Entre o desejo de ser / e o receio de parecer / o tormento da hora cindida // Na desordem do sangue / a aventura de sermos nós / restitui-nos ao ser / que fazemos de conta que somos” (*Ibidem*,

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

p. 80) —; afinal, mais sensato e confortável é, ao julgamento alheio, mostrar constância nas maneiras e ideias que exteriorizar vulnerabilidades e inconsistências da mente.

Acerca dos poemas aqui verificados, entendemos que a perspectiva de memória aparece articulada à atuação de um *eu* que atravessa o avesso da escrita e da poesia para ser poeta e busca a libertação pela escolha, pela transgressão e pela resistência à execução automática da linguagem.

Sendo assim, quer em caráter individual ou em caráter coletivo, a memória implica formação da identidade e diferença do humano e o que pretendemos ao aproximar o plano desses processos memorialísticos associados é apontar equivalências, pontos de contato, que remetem à noção de pertencimento a si e a um grupo.

Referências

BERGSON, Henri. **Ensaio sobre Os Dados Imediatos da Consciência**. Trad. João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.

CASTRO, Manuel Antônio de. O Fenômeno Cultural. In. **O acontecer poético**. Rio de Janeiro: Antares, 1982. p. 15-31.

BERGSON, Henri. "A globalização e os desafios do humano". In: **Revista Tempo Brasileiro**, 201/202 - Globalização, pensamento e arte. Rio de Janeiro, abr.-set., 2015.

COUTO, Mia. Dar tempo ao futuro. In: **E se Obama fosse africano? e outras interinvenções Ensaios**. Lisboa: Editorial Caminho, 2009.

BERGSON, Henri. **Poemas escolhidos**; apresentação José Castello — 1ª- ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MESQUITA, Mariana. **Riqueza na oralidade**: Mia Couto conta como foi influenciado Folha de Pernambuco, abril de 2019. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/cultura/riqueza-na-oralidade-mia-couto-counta-como-foi-influenciado-pela-escrit/101845/>>. Acesso em: 01 de julho de 2021.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

MICHELETTI, Everton Fernando. **Mia Couto**: uma estética engajada. Criação & Crítica, n. 21, p. 77-90, nov. 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/145796/148760>>. Acesso em 01 de julho de 2021.

RICARTE, Patrícia Chanely Silva. **A mesma poesia jamais a mesma**: o poema em prosa como saída crítica na produção contemporânea. (Tese de Doutorado) — Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Literatura, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/214479/PLIT0814-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em 01 de julho de 2021.

SONTAG, Susan. **Contra a interpretação**. Trad. Ana Maria Capovilla. Porto Alegre: L&PM, 1987.